

DISCURSO POLÍTICO, RELIGIÃO E PRECONCEITO: UM ENLACE QUE NÃO CESSA DE PRODUZIR EFEITOS

Maria do Carmo Gomes Pereira CAVALCANTI³⁰

Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO³¹

Resumo: Este trabalho pretende analisar o discurso do presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, o Pastor Marco Feliciano no ano de 2013. A Análise do Discurso de linha francesa (AD), delineada por Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi e outros estudiosos, será nosso dispositivo teórico e analítico. Nesta disciplina de entremeio, mobilizaremos conceitos como formação ideológica, interdiscurso, por serem constitutivos do preconceito que tangencia o discurso do sujeito. Para situar a questão que trazemos para este trabalho, apresentamos uma sequência discursiva em circulação em 2015 na rede social (Facebook) do principal representante de grupos de classe marginalizados socialmente.

Palavras-chave: Preconceito. Análise do Discurso. Discurso político

Abstract: *This work intends to analyze the speech of the President of the Human Rights and Minorities Commission, Pastor Marco Feliciano, elected in charge for the year of 2013. The french line discourse analysis, outlined by Pêcheux and developed in Brazil by Orlandi and other specialists will be our theoretical and analytical device. Based on or upon discipline, we will mobilize concepts as ideological formation, interdiscourse, hence they are constitutive parts of the prejudice that tangencies the subject's discourse. In order to place the question which we bring to this work, we present a discursive sequence in circulation in 2015 on social network (Facebook) of the main representative of marginalized class groups.*

Keywords: *Prejudice. Discourse Analysis. Political discourse*

³⁰ Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Recife, Brasil e Professora da Rede Municipal do Recife.

³¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2006), fonoaudióloga pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR, Rio de Janeiro, 1978), especialista em Patologias da Linguagem (UNICAP, 1984), especialista em Linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa, 2006; renovação do título em 2012), mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2000). É professora adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco, atuando na Graduação em Fonoaudiologia e como professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. Compõe o Banco Nacional de Avaliadores Institucionais e de Curso (MEC) desde 2006, É coordenadora do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Católica de Pernambuco.

Contextualização histórica

A Análise do Discurso de linha francesa (AD), fundada no final da década de 60 por Michel Pêcheux, tinha como quadro epistemológico geral, de acordo com Pêchêux e Fuchs (1997), a articulação de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações, compreendida neste aspecto a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Estas três regiões são, de certa forma, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Pêcheux estava afetado pelo momento político e pelas leituras de Marx, Freud e Saussure, percebendo nestas o delineamento de uma nova base teórica politicamente heterogênea que encaminhava para uma construção crítica, abalando evidências literárias e “certezas” científicas do funcionalismo positivista (PÊCHEUX, 2008). O marco inicial da AD no Brasil acontece em Campinas, nos fins da década de 70, tendo como principal representante Eni Orlandi. Aos poucos, vai ganhando corpo e se institucionalizando em algumas universidades como UNICAMP e USP (FERREIRA, 2007).

Em uma de suas obras, Orlandi (2013) modifica a concepção inicial, afasta a teoria específica do discurso, expande a noção de Linguística e insere a Psicanálise como filiação teórica. Vale ressaltar que o próprio Pêcheux fez reelaborações em sua trajetória de tessitura da AD, se afastando da teoria da ideologia e se aproximando do sujeito do desejo da psicanálise (VILAR DE MELO, 2005, 2006). As regiões, a partir de então, seriam o materialismo histórico, inalterando a concepção anterior; a linguística constituída pela não transparência da linguagem e com seu objeto próprio, a língua, e esta com uma ordem própria; e a Psicanálise, com a interpelação do indivíduo em sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico. Depreende o sujeito discursivo como constituído pelo inconsciente e pela ideologia.

A AD trabalha a língua enquanto estrutura simbólica contemplando a não sistematicidade, o equívoco, a falta, o sujeito atravessado pelo inconsciente, pela ideologia. A AD trabalha o discurso como materialidade linguística e histórica tendo a exterioridade como seu elemento constituinte (FERREIRA, 2007). Questiona a interpretação, trabalhando seus limites, procurando compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos. Não é herdeira das três regiões do conhecimento, mas as questiona pelo que elas deixam escapar. Interroga a Linguística pela historicidade que a ela não interessa; o Materialismo, pelo

simbólico que deixa de lado; e a Psicanálise, pela ideologia, que é inconsciente, mas não é objeto de estudo desta ciência (ORLANDI, 2013).

Esta teoria surge da necessidade de ultrapassar o quadro teórico de uma linguística frasal, imanente, que não conseguia dar conta do texto em sua complexidade. Com o advento da AD, o discurso passa a ser percebido não só como produção linguística, mas produção social, do imaginário (LUCENA, 2004). A AD toma o discurso não só como estrutura, mas principalmente acontecimento, como efeito de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 2008). Na AD, o sujeito não é senhor pleno de suas palavras, “capaz de geometrizar o seu dizer em equações puras, lógicas e controláveis (ROMÃO, 2011, p.148). O dizer está sempre à deriva e os sentidos estão sempre abertos.

Desta forma, utilizando a AD como ancoragem teórico-metodológica, resolvemos analisar um discurso que circulou em redes sociais, no nosso caso, no Facebook, protagonizado pelo pastor Marco Feliciano e que nos chamou muito a atenção. Acreditamos que pessoas que trabalhem com a AD não conseguem ficar indiferentes aos múltiplos sentidos desencadeados pelo pronunciamento do pastor. Escolhemos a internet por ser um suporte onde grassa ideologias preconceituosas e que comporta uma memória que se repete, mas não se historiciza, denominada por Orlandi memória metálica (2014).

Considerando que o discurso pode impactar socialmente, falar interpelado pelo discurso do preconceito numa posição dentro da formação social que deveria promover o empoderamento de minorias instaura um efeito de revolta, estranhamento. Encaminharemos nossa discussão começando por informações extraídas da internet que descrevem um pouco a trajetória da posse do pastor Marco Feliciano como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM).

De acordo com o site da Carta Capital (2013) e da Câmara dos Deputados (2013), a eleição de Marco Feliciano foi realizada sob protesto e derivou de manobra da bancada evangélica. No dia anterior, a votação foi adiada porque defensores dos direitos dos homossexuais e dos negros entraram na sala da comissão e se manifestaram contra a indicação deste pastor, pressionando os membros do colegiado para votarem contra tal indicação. No dia 07/03/2013, o ex-presidente da CDHM, Domingos Dutra, do Partido dos Trabalhadores (PT), assim como outros deputados, se revoltaram e ficaram estarecidos pela forma como a eleição foi conduzida, pois se configurou como uma ditadura, às portas fechadas, sem participação da população no debate. A votação tinha sido adiada no dia anterior porque os manifestantes

defensores dos direitos humanos e minorias pressionaram os membros do colegiado para a não indicação do pastor. No dia seguinte, houve interdição à entrada dos manifestantes na sala.

A chancela para assunção do pastor à presidência do CDHM remete à memória discursiva³² do período ditatorial que, mesmo que não se tenha vivenciado empiricamente, existe uma filiação histórica a esse passado, como afirma Orlandi (2007). Este fato nos lembra a política do silêncio local, ou seja, a censura que, conforme Orlandi (2007), não significa calar, mas impedir a elaboração histórica de outros sentidos. De acordo com Daroz et al (2014, p. 133), “a memória discursiva é o conjunto do *já-dito*, inerente a uma FD específica e, assim, não se sobrepõe ao interdiscurso³³, concebido como um conjunto de saturação, de possibilidades, que comporta todos os dizeres referentes a todas as FD”

De acordo com a Carta Capital (2013), o deputado e pastor Marco Feliciano, desde sua assunção à presidência do CDHM, enfrenta protestos em todo o Brasil pedindo sua saída. O pastor é conhecido por sua posição discursiva homofóbica e racista. Nega que tenha qualquer discriminação e afirma que apenas apresenta posições pessoais como ser contra o casamento entre homossexuais, adoção de crianças por pessoas de mesmo sexo, aborto, mesmo em casos de fetos anencéfalos, mas ressalta que é aberto ao diálogo.

Sabemos que a CDHM é um dos principais comitês que estudam projetos sobre direitos de minorias como os negros e sobre a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). O que surpreende é justamente ser eleito para presidente da comissão uma pessoa que apresenta um interdiscurso sustentado numa visão diametralmente oposta entre homossexualidade, negros e normalidade. O pastor Marco Feliciano afirma não ser homofóbico ou racista, mas, de acordo com a Carta Capital (2013), durante um congresso evangélico, asseverou que a AIDS era o câncer gay e que a própria ciência assevera o predomínio *desta infecção* em homossexuais. Em 2011, publicou em seu *twitter* que os africanos seriam pessoas amaldiçoadas, porque a maldição que Noé lançou sobre seu neto atingiu o continente africano.

De acordo com Possenti (1995); Possenti e Baronas (2006), a palavra produz efeitos de sentido em decorrência do discurso em que se apoia e este discurso ocorre se a sociedade de alguma forma o acolhe. Se há condições sociais para uma leitura racista ela se desdobrará, produzirá um eco prolongado, independente de ser ou não fundamentada.

³² É o discurso do outro constituindo o nosso discurso. Para que nossas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido, é o já dito em outro lugar. (ORLANDI, 2013)

³³ Complexo com dominante das formações discursivas (PÊCHEUX, 2009)

O discurso de Marco Feliciano e de sua bancada evangélica encontra suporte no segmento social protestante. Possenti (1995); Possenti e Baronas (2006) afirmam que o movimento do discurso politicamente correto aponta para as formas linguísticas como reprodutoras de uma ideologia segregadora em relação à classe, sexo, raça, características físicas. As formas linguísticas veiculam sentidos que discriminam, ora de forma acentuada, ora de maneira mais mitigada.

A cartilha de palavras politicamente corretas lançada em 2005 teve sua circulação suspensa na mesma semana por determinação do presidente Luíz Inácio Lula da Silva, pois provocou uma reação muito adversa nas minorias que eram a tônica da cartilha, mas, especialmente, na Bancada Evangélica, de acordo com as autoras deste texto. A cartilha fazia ecoar um efeito de evidência de que os sentidos estariam colados nas palavras e não imbricados na historicidade, como propõe a AD. Afinal a língua não é rótulo do que está ao nosso entorno. O funcionamento da língua no processo discursivo se constitui na expressão de ideias, desejos, condicionada pelas determinações históricas, culturais e sociais dos falantes (POSSENTI; BARONAS, 2006).

De acordo com Orlandi (2011), no discurso religioso, há uma dissimetria entre o plano espiritual e o plano temporal. O locutor, o representante de Deus, é considerado Deus falando, logo é imortal, eterno, infalível, todo poderoso; os ouvintes são humanos, em consequência, mortais, falíveis, com poder relativo. Nesta dissimetria, para que os homens sejam ouvidos por Deus é necessário que se submetam às regras. Devem ser bons, ter fé, ser puros. Este interdiscurso ou memória discursiva, como considera Orlandi (2013), corresponde a um já dito, em outro lugar, independentemente, ou seja, para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. O interdiscurso de fé, pureza, “igualdade” entre os seres humanos não cessa de reverberar no discurso religioso evangélico.

Conforme Hall (2014), a identidade não é algo inato, mas um processo que se constrói ao longo do tempo de forma inconsciente. É algo incompleto, inacabado. O sujeito na pós modernidade, está se tornando compartimentado, constituído de muitas identidades, algumas vezes antagônicas. Em vez de falarmos identidade poderíamos falar em identificação como um processo em curso. De acordo com Bauman (2005, p.19) “As “identidades” flutuam no ar algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. A identidade é construída socialmente e uma condição sempre inconclusa (BAUMAN, 2005). Na

abordagem deste trabalho teria o pastor uma identidade racista/homofóbica ou uma identificação a uma Formação Discursiva³⁴ (FD) racista e homofóbica?

Na tentativa de compreender esta perspectiva serão convocados Pêcheux (2009) e Indursky (2011a). Existem tomadas de posição em relação à forma-sujeito que consistem na identificação a uma determinada FD. Na primeira modalidade existe uma identificação plena do sujeito com a forma-sujeito da FD na qual está inscrito. ‘É o discurso do bom sujeito’. A segunda modalidade caracteriza o discurso do ‘mau sujeito’, em que há uma tomada de posição que se contrapõe à forma-sujeito, emergindo dúvida, questionamento, contestação. O sujeito do discurso se contra-identifica a alguns saberes da FD que o afetam. Na terceira modalidade, há uma ruptura na FD em que o sujeito está inscrito e passa a identificar-se a outra FD e sua respectiva forma-sujeito.

O pastor se encontra inscrito na FD evangélica e preconceituosa e, ao mesmo tempo, em uma FD de político representante dos direitos de minorias que, teoricamente e através de ações, deveria se contrapor a qualquer forma de preconceito. As suas FD colidem, o que resulta numa dissimulação de desidentificação a uma forma sujeito³⁵ de preconceito.

Embora, na perspectiva da teoria da AD, os sentidos não estejam colados às palavras, e não exista uma relação biunívoca entre língua e sociedade, isto não implica dizer que exista neutralidade na produção de sentidos, pois todo processo discursivo é produzido no interior de uma formação ideológica e os sentidos estão inoculados a uma historicidade (BARONAS; POSSENTI, 2006).

A posição sujeito político ocupada pelo pastor requer que o mesmo assumira uma identidade representante do povo e que por isso defenderá o bem coletivo, sendo este representado pelas minorias marginalizadas. Enquanto político, agirá não numa perspectiva sectarista, mas de um ser humano que como representante político agirá em favor de outros seres humanos independentemente de raça, credo, orientação sexual, dentre outros. Mas considerando que o pastor e o representante político estão corporeificados numa mesma pessoa, posições sujeito antagônicas se cruzam e transbordam no discurso do pastor tomado que se encontra por sua formação ideológica, pelo esquecimento número 1, de que nos fala Pêcheux (2009), ou seja, a ilusão de poder estar fora de uma FD.

³⁴ Aquilo que numa formação ideológica dada, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes determina o que pode e deve ser dito.

³⁵ De acordo com Pêcheux (2009) é o sujeito dominado por uma formação discursiva.

É interessante pontuarmos em seu discurso a presença das heterogeneidades mostrada e constitutiva explicadas por AUTHIER-REVUZ (2004). A primeira refere-se ao que se pode apreender na superfície linguística como aspas, itálico, certa entonação, palavras sob palavras, nas palavras como a polissemia, por exemplo. A segunda refere-se a um horizonte que está fora do alcance linguístico, mas que é onipresente em todo texto e que consideramos ser o interdiscurso.

Passaremos agora à análise do *corpus* discursivo coletado numa rede social de grande acesso e circulação de sentidos que é o Facebook. Conforme Regalo (2014), uma informação lançada no espaço digital seja na forma imagética ou textual tem desdobramentos imprevisíveis. Concordamos com Ferrarezi, Bastos e Santos (2011) quando afirmam que o ciberespaço sendo heterogêneo e desterritorializado permite que os sentidos moventes na rede, ao serem acessados por diferentes sujeitos, sejam (re) significados e discursivizados de forma polimórfica. Não tendo por escopo, nem sendo possível, precisar a ressonância que o discurso do pastor provocou, podemos afirmar que gera inquietações e interroga qualquer analista de discurso.

Análise discursiva



Disponível em:<Facebook>. Acesso em:10/11/2015.

O pastor Marcos Feliciano, declarou em março de 2013: “Não tenho nenhum tipo de preconceito: na minha secretaria vou atender negros e gays *como se fosse* qualquer pessoa normal” (grifo nosso).

O pastor entretetece nos fios de sua tessitura discursiva fragmentos da sua memória amparado por sua ideologia e por uma sociedade que suporta seu discurso. Apoiando-nos em Romão (2011), consideramos que as marcas linguísticas deixadas pelo pastor em seu discurso

e textualizadas na reportagem que circula na rede social Facebook desenham as pistas da FD em que está inscrito, ou seja, se produzem efeitos de sentido de uma FD preconceituosa. A conjunção *como* expressa um comparativo e associada à partícula *se* e ao subjuntivo *fosse* produz um efeito de sentido de algo que não é mas será tratado de forma equipolente ou seja, *como se fosse* e junto ao adjetivo *normal* faz circular um efeito de sentido oposto ao normal algo patológico, mas que será tratado como normal. O presidente da CDHM deixa entrever em seu discurso a forma-sujeito identificada a uma FD religiosa, preconceituosa, arianista, ecoando um efeito de evidência de superioridade da raça branca em detrimento da negra e da assimetria existente entre o céu, lugar que estará autorizado a ocupar como porta-voz de Deus e o inferno, para onde irão os que agem contra a vontade de Deus, ou seja os homoafetivos e os negros.

A heterogeneidade constitutiva marca sua presença e a expressão *como se fosse* nos remete a uma memória discursiva em que ser negro e ser homossexual é condição suficiente à marginalização, frente à inferioridade conferida ao negro desde a escravidão e a anormalidade atribuída ao homossexual desde os mais remotos tempos e endossado pela leitura de correntes cristãs católicas e evangélicas apoiadas num suposto entendimento literal da Bíblia.

O discurso do pastor desliza instaurando o equívoco, o contraditório. O discurso que deveria produzir o efeito de obliterar o preconceito ganha visibilidade pelo seu funcionamento social, acentuando diferenças e, como afirmam Possenti e Baronas (2006), a fragmentação social entre classes prestigiadas e estigmatizadas.

De acordo com Orlandi (2011), a interpretação da palavra de Deus sofre regulação, os sentidos não podem ser quaisquer que se queira, o discurso religioso tende à monossemia. Fazendo uma analogia com as palavras da autora nesta mesma obra, diríamos que no protestantismo, enquanto religião institucionalizada, a interpretação que deve ser considerada é a da Igreja, o texto a ser seguido é o da Bíblia que o pastor utiliza em favor de sua FD preconceituosa, com o fulcro de marcar a condição subversiva de quem se afasta de um padrão considerada por ele como superior, normal.

Considerando a dissimetria fundamental pontuada por Orlandi (2011) entre o plano espiritual, cujo Sujeito é Deus, e o plano temporal, cujos sujeitos são os homens, estes para serem ouvidos por Aquele devem ser bons, puros e submeter às regras que, no discurso do pastor e de sua bancada, devem seguir um padrão de raça e orientação sexual.

O enlevo e a salvação pertinentes ao discurso religioso que, conforme Orlandi (2011), seriam respectivamente a identificação com os propósitos divinos e o pedido feito pelo representante de Deus na terra, poderiam ser relacionados a ser homossexual e negro escapa ao

que agrada a Deus, e a salvação somente viria com a obediência e alinhamento dos fiéis aos pedidos do pastor e ao que é por ele apregoado como correto, já que ele se presentifica como representante da voz de Deus.

Em suas formações imaginárias, mecanismo que regula a argumentação, como salienta Orlandi (2013), o pastor produz em seu discurso um efeito de evidência de que estaria enunciando de forma democrática, apartado de sua condição de pastor que, supostamente ancorado na textualidade bíblica, confere posição marginal a grupos diversificados ou que não se enquadrem nos padrões representativos da moral cristã.

O discurso do pastor produz o efeito de evidência que o mesmo não se dá conta que os termos marcados *como se fosse* produzem o efeito de sentido do preconceito. O efeito de denegação acaba por afirmar o seu preconceito.

Considerações finais

O presidente da CDHM ser um sujeito filiado a uma FD que condena minorias chega ao píncaro de um absurdo político que busca padronizar a raça branca e a heterossexualidade como referência social.

Os sentidos de opressão, repressão se presentificam no enunciado que circula no Facebook. Conforme Orlandi (2007, p.129) “[...] os sentidos vazam por qualquer espaço simbólico que se apresente [...]”. Os sentidos se deslocam para qualquer objeto simbólico. Nesta situação os sentidos vazaram por meio da conjunção *como*, na partícula *se* e pelo verbo *ser* modalizado no subjuntivo. Como afirmam Possenti e Baronas (2006), a língua em funcionamento no discurso se constitui numa expressividade de ideias, desejos e é condicionada pela percepção de mundo, pelas determinações sociais, históricas e culturais do falante. Todo processo discursivo é produzido dentro de uma formação ideológica. Isto nos remete ao discurso do pastor que, mesmo denegando um posicionamento e um discurso preconceituoso, os sentidos migram por meio de determinados marcadores em seu discurso, regularizando sentidos de que *ser normal é estar numa posição sujeito*³⁶ *da raça branca e heterossexual*.

Embora não consideremos que exista uma soberania do significante, concordamos com Baronas e Possenti (2006) que não se pode desconsiderar que o discurso pode sustentar condições sociais que suportam as ideologias e os discursos. O discurso de Marco Feliciano

³⁶ Lugar ocupado pelo sujeito na formação social (PÊCHEUX, 2009).

enquanto representante de direitos de minorias ocorre enviesado pelo preconceito porque de alguma forma encontra espaço em uma sociedade que ainda acolhe determinadas práticas discursivas.

Neste sentido, concluímos que o pastor Marco Feliciano está identificado a uma FD racista e homofóbica, apresentando um discurso ideologicamente evangélico, marcado pela leitura literal da Bíblia, o que acaba por antagonizar a posição sujeito que ele deveria ocupar na CDHM.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: Um estudo enunciativo do sentido. Revisão Técnica da tradução, Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DAROS, Elaine et al. Sobre Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. In: BARROS, Isabela et al. **Ensino, texto e discurso**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina L. Análise do discurso no Brasil: Notas à sua história. IN: FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, João Bosco C. dos (Org.) **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Clara Luz, 2007.

FERRAREZI, Ludmila; BASTOS, Gustavo G.; SANTOS, Jean C. F. dos. Blogs e museus eletrônicos: Um estudo discursivo. In: ROMÃO, Maria Souza; GALLI, Fernanda S. (Orgs). **Rede Eletrônica: sentidos e(m) movimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

FREJ, Nanete Zmeri; Vilar de Melo, Maria de Fátima. Psicanálise e linguagem: ntretecendo um texto. In: Acioly, M. D.; Vilar de Melo, M. F.; Costa, M. L. G. (Org.). **A linguagem e suas interfaces**. Pernambuco: Livro Fácil, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Recife: Lamparina, 2015.

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. IN: BARONAS, Roberto Leiser (Org) et al. **Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2 ed revisada e ampliada. São Paulo: Pedro e João editores, 2011.

_____. A memória na cena do discurso. IN: FERREIRA, Maria C. L.; INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange. **Memória e história na/da Análise do Discurso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

LUCENA, Ivone T. de. **Fiando as tramas do texto**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6 ed Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. Discursos e museus: Da memória e do esquecimento. Entremeios: **Revista de Estudos do Discurso**, v.5, Minas Gerais, 2014, p.1-8.

POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto L. Linguagem politicamente correta no Brasil: Uma língua de madeira? **Revista Polifonia**, v.12 (2), nº12, EdUFMT, Cuiabá, 2006. Disponível em: <periódicos.cientificos.UFMT.br/index.php/polifonia/article/view/1070>. Acesso em: 10 de Nov de 2015.

PÊCHEUX, M. ; FUCHS, C . A propósito da Análise Automática do Discurso. In : GADET, F. ; HAK, T. (Org). **Por uma análise automática do discurso** (1975). Campinas: Unicamp, 1997 p.163-252.

PÊCHEUX, M.. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso**. 4 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2009.

REGALO, Henrique H. A questão das redes sociais e da sociedade em rede. In: GARCIA, Dantielli A. *et al.* **Ressonâncias de Pêcheux em nós**. São Carlos, SP: Pedro e João, 2014.

ROMÃO, Lucília Maria S. Formação Discursiva e Movimento do Sujeito: de como cortador de cana é falado na mídia. In: BARONAS, Roberto L. (Org) et al. **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2 ed. Revisada e ampliada. São Carlos: Pedro e João, 2011.

Pastor Marco Feliciano é eleito para presidir Comissão de Direitos Humanos. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/politica/pastor-marco-feliciano-e-eleito-para-presidir-comissao-de-direitos-humanos> Acesso em: 10 de nov de 2015.

VILAR DE MELO, Maria de Fátima. **Psicanálise e Análise de Discurso**: interlocuções possíveis e necessárias. Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, V, 1, 61-71 Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, V, 1, 61-71, Disponível em: <www.psicopatologiafundamental.org/.../psicologia_e_analise_de_discurso> Acesso em: 10 de Nov de 2015.

Em meio a protestos, Pastor Marco Feliciano abre reunião. Disponível em:<www2.camara.leg.br/comunicação/camaranoticias/política>. Acesso em: 10 de Nov de 2015.